

JÁ NÃO HÁ COMPROMETIDOS HÁ MOÇAMBICANOS

N. 8/6/82 p.1 Lead

Notícias, Maputo
8 de Junho de 1982

por Miguéis Lopes Júnior e Ricardo Timane (texto) e Amadeu Marrengula (fotos)



«Não há ANPs, não há Pides/somos todos moçambicanos», não há Comandos, não há GEs/somos todos moçambicanos, não há Movimento Nacional Feminino, não há madrinhas de guerra/somos todos moçambicanos. O salão do Josina Machel era ontem a voz de milhões, a força unânime da nossa Revolução, materializada num encontro como não houve outro em qualquer parte do mundo. As vozes juntavam-se e fluíam livres, gritadas a plenos pulmões. Moçambicanos livres encontravam-se com moçambicanos que começavam a sê-lo e a assumir essa libertação. Lágrimas de alegria brotavam nas faces de assistentes e participantes. Nas próprias gargantas dos jornalistas encarregados da difícil missão de transportar para a rígida e pobre missão das palavras momentos que ultrapassam as dimensões normais do tempo ou do espaço se formam os nós da emoção. Os olhos turvam-se. O acontecimento «acontece-nos» a nós próprios paralisando-nos a mão que toma a nota rápida. Como descrever

o alarido, o brado unânime de libertação que ressoou na sala em minutos que valem uma eternidade quando o Presidente Samora terminou a leitura do seu discurso de encerramento. Esse alarido tinha o valor de uma promessa solene, por entre túmulos desconhecidos, por entre o luto e a dor, ligado ao humanismo e generosidade, à tarefa sagrada de libertação total e completa da terra e dos homens que constitui o fundamento mais belo da nossa Revolução. Para aqueles moçambicanos reencontrados, em representação de todos os outros d. Rovuma ao Maputo neste seu novo compromisso, esse com o Povo e com a Pátria foi ontem verdadeiramente o dia da sua independência. O início de outra fase da guerra prolongada da libertação da consciência das garras e dos fantasmas do passado, assumidos nas suas origens, causas e desenvolvimento. Dia de reencontro com a família, dia de levantar a cabeça, do emprestar ao olhar o brilho da dignidade, do direito ao trabalho árduo e são, sem pesos nem

complexos, ao repouso sem pesadelos, ao divertimento alegre e sadio. Alegria partilhada pelos moçambicanos livres que viram assim enriquecidas as suas fileiras e mais firme a muralha da sua unidade. Alegria permitida e provocada pelos métodos e princípios de um Partido que faz da política a forma suprema da cultura porque é a síntese dos mais nobres ideais e aspirações de todo um Povo.

Foi quando o Presidente Samora com todo o peso de legítimo representante do nosso povo mandou derrubar as placas com as designações dos comprometidos, no final do discurso que se registou a maior apoteose de aplausos e gritos de alegria. Cantando e dançando a sala transformou-se num mar imenso de felicidade. Todos se confundiram num uníssono de determinação. Foi o dia da queda de todos os estigmas, data a assinalar no calendário das gerações vindouras, aviso aos que intentam violar a nossa soberania e reconduzir-nos à escravidão.